



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

ELAYNE PEREIRA SANTANA

**ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA: A CARACTERIZAÇÃO DA LUTA E  
AS VOZES POPULARES**

BRASÍLIA/DF – 2014

ELAYNE PEREIRA SANTANA

**ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA: A CARACTERIZAÇÃO DA LUTA E  
AS VOZES POPULARES**

Artigo científico apresentado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Adriana de Fátima  
Barbosa Araújo

BRASÍLIA/DF – 2014

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em memória de minha mãe que tanto me amou, sempre acreditou em mim e me deu forças para realizar todos os meus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar todos os desafios e dificuldades em minha vida.

Agradeço a minha mãe que foi uma mulher guerreira sempre de pulso forte, lutou por sua família, seus ideais, me educou, inspirou, me deu forças e sempre acreditou em mim, mas que infelizmente não se encontra entre nós.

Aos meus irmãos, ao meu pai e familiares que me ajudaram com palavras de incentivo e perseverança.

Aos meus amigos, em especial a uma amiga querida que me ajudou e me apoiou para ingresso nesta Universidade.

Agradeço a Universidade de Brasília, seu corpo docente, direção e administração que foi como uma segunda mãe na qual aprendi e amadureci muito na minha vida e me deu suporte para que hoje concluísse o tão sonhado curso superior.

À minha orientadora pela oportunidade que eu sempre esperava para ingressar no grupo de pesquisa sobre Literatura, pela sua orientação, apoio e confiança.

A todos os professores que eu estudei pelo incentivo e construção ao longo da minha vida acadêmica.

Aos meus colegas de Universidade pela convivência e crescimento acadêmico.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação, o meu muito obrigado.

# ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA: A CARACTERIZAÇÃO DA LUTA E AS VOZES POPULARES

## ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA: THE CHARACTERIZATION OF THE STRUGGLE AND POPULAR VOICES

Elayne Pereira Santana<sup>1</sup>

**RESUMO:** O *Romanceiro da Inconfidência* resgata a luta antiga para que atualmente possamos compreender melhor a sociedade em que vivemos além de ser objeto de estudo da lírica, da poesia e da história. Cecília Meireles passa a escrever em forma poética os episódios marcantes da Inconfidência Mineira sob a influência das vozes e os olhares dos populares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*, vozes populares.

**ABSTRACT:** The *Romanceiro da Inconfidência* rescues the old fight so we can now better understand the society we live in as well as being the object of study of lyric, poetry and history. Cecilia Meireles goes to write in poetic form the remarkable episodes of Inconfidência Mineira under the influence of voices and popular looks.

**KEYWORDS:** Cecilia Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*, popular voices.

### Introdução

Esta pesquisa investiga a forma poética que encontrou Cecília Meireles para relembrar a Inconfidência Mineira nos marcos da condição de dominação imperialista vivida pela colônia brasileira.

A obra *Romanceiro da Inconfidência* foi publicada em 1953 e apresenta 85 romances enumerados por algarismos romanos. Possui 5 falas em seu conjunto, 4 cenários, 1 Imaginária Serenata e um Retrato de Marília, que ambientam a obra e sua atmosfera localizando os acontecimentos.

Levando em consideração o que foi apontado, no *Romanceiro da Inconfidência* teremos o estudo da lírica, na qual a poesia e a história entram em composição com essa obra, por meio de conceitos da história e do meio social, identificando-a como arte e

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras-Português Licenciatura pela Universidade de Brasília (UnB) - Brasília/DF - elayne.literatus@hotmail.com

suas especificidades estéticas. Cecília Meireles passa a escrever os episódios marcantes da Inconfidência Mineira através do gênero Romanceiro e traz para o século XX a história antiga de Ouro Preto.

## 1. O gênero Romanceiro

O gênero surgiu aproximadamente a partir do século XIII, em que era atribuída ao gênero literário uma composição de lendas e romances de tradição oral e escrita, localizada na Península Ibérica na Baixa Idade Média. O romance popular de Portugal e Espanha, no qual consistia num “breve poema épico destinado ao canto e transmitido e reelaborado por tradição oral, é a modalidade peninsular da balada europeia. O conjunto destes breves poemas tradicionais constitui o *Romanceiro*.” (COELHO, 1976, p. 957).

O Romanceiro tinha caráter oral da poesia romancística e formava um tesouro poético de inesgotável riqueza, porém só se conhecia o que havia sido escrito e registrado, sabendo-se que esse gênero era um dos mais numerosos de sua época. Na Espanha, a descoberta ocorreu mais tarde, entretanto sua presença na cultura do país foi mais duradoura. Já em Portugal, a valorização do Romanceiro vem desde a primeira geração do Romantismo com Almeida Garrett, pois ele publica o seu *Romanceiro* em 1843, no qual “lança os alicerces para o edifício do Romanceiro português.” (COELHO, 1976, P. 957) e resgata a história do povo, a poesia primitiva, a popular, a vencida e a valoriza enquanto identidade de uma nação.

Porém, há um abandono da produção do gênero no século XX em Portugal, em contraste com a Espanha que a partir de 1900 com Menéndez Pidal descobre e recolhe milhares de romances em todas as regiões. Como destaque do mais rico dos romanceiros locais está o *Romanceiro do concelho de Vinhais* de F.A. Martins no ano de 1928 e 1939 e o mais importante do século XX foi *Romanceiro* póstumo de Leite de Vasconcelos.

No século XVI em Portugal, os romances eram cantados ao som da viola, solfejados como acompanhamento no trabalho e utilizados em conversas cotidianas. A partir de 1505, o Romanceiro tradicional estava presente na vida cotidiana da corte e também entre combatentes das guerras.

Sabe-se que os romances antigos de autores portugueses eram escritos em castelhano, pois naquela época o bilinguismo era essencial nas manifestações literárias portuguesas, só que eram romances oralmente castelhanos aportuguesados. Mais tarde surgiram versões portuguesas como “os dez heptassílabos do romance cadiano da fuga de Bucar que cantam dois alfaiates judeus no *Auto da Lusitânia* (1532).” (COELHO, 1976, p. 958)

Na antiguidade, O Romanceiro vivia em contínua reelaboração tradicional por seu povo. Primeiro porque o cantor se esforçava para deixar todos os pormenores da missão recebida, que era cantar o romance, em oposição à vontade de dar livre imaginação própria para se sentir co-autor daquela obra que se recreava. E segundo, pois é daí a singularidade poética de cada versão do romance, que não passa da vida fluída, mas que não deixa dúvidas de seus temas como singularidades das suas versões.

O gênero, ou seja, o romance determina um gesto de uma ação humana digna de memória, contínua e abundante, alcançando todos os fatos sensacionais.

Esse gênero literário tem hereditariedade da funcionalidade da epopéia, portanto ele não individualiza personalidades e traz o modo com que os indivíduos vêm o mundo e a si próprios, tornando importantes os valores coletivos e resgatando a sua história.

## 2. A Obra

O nascimento da obra *Romanceiro da Inconfidência* deu-se a partir de um trabalho jornalístico que Cecília Meireles realizou para descrever as comemorações da Semana Santa em Ouro Preto e foi publicada no ano de 1953 após muitos anos de pesquisa pela autora.

A obra recupera a história da Inconfidência Mineira, na qual traz uma composição estética com a passagem do mundo antigo com o moderno através do narrador, pois para registrar historicamente sua invenção poética, a poetisa escolhe o gênero Romanceiro, em meio à dominação imperialista, para trazer uma reflexão de sua época com melhor tratamento e certa emoção, de modo que, o leitor seja introduzido nos acontecimentos podendo ser melhores explicadas e aprendidas as tentativas de recriação da história morta do século XVIII, além de captar as vozes populares que não puderam compreender os objetivos daquela luta. Com esse gênero, a história da Inconfidência Mineira foi tratada sob o prisma lírico refletindo claramente as questões de classe numa perspectiva ampla da vida social.

De acordo com o texto “Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência”, em 20 de Abril de 1955, a escritora proferiu na Conferência na Casa dos Contos em Ouro Preto, onde aconteceu o 1º Festival de Ouro Preto. Ela conta como escreveu a obra *Romanceiro da Inconfidência* que narra em versos a história do século XVIII do nosso país.

Na obra há a presença de versos curtos e longos, poemas com rima e sem rima, o que possibilita a melhor compreensão da narrativa mostrando o ecletismo da autora que enriquece e engrandece sua obra dotada de sensibilidade e beleza. Para Cecília, o “Romanceiro” tem um sentido mais lírico do que um cancionero que se trata de uma composição cantada e ainda enfatiza que:

O “Romanceiro” teria a vantagem de ser narrativo e lírico; de entremear a possível linguagem da época à dos nossos dias; de, não podendo reconstituir inteiramente as cenas, também não as deformar inteiramente; de preservar aquela autenticidade que ajusta à verdade histórica o halo das tradições e da lenda. (MEIRELES, 1989, p.22).

Portanto, o *Romanceiro da Inconfidência* tem a incumbência de transmissão sob o olhar do artista, com uma maneira de estreitar a possível linguagem de sua época à nossa realidade. Assim, não podendo reconstruir por completo as cenas, Cecília também “não as deforma inteiramente” essa comunicação ecoada nas vozes dos fantasmas de

Ouro Preto, e põem-se a serviço de alcançá-la, intervindo apenas para favorecer o desenvolvimento do tema.

Quando a escritora deixa Ouro Preto depois de percorrer aquelas ruas e ladeiras acompanhando a procissão da Semana Santa, ela parte dali, porém perseguiram-na todas aquelas vozes que se encontravam em cada esquina, nos altares das igrejas entre santos e anjos, à margem dos rios, das casas. São vozes de todas as partes, de Minas Gerais, Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo no qual viriam com a função de busca do ouro.

O “Romance II ou Do ouro incansável” (p.47), revela-se a cena disposta no jogo do ouro. Essa busca é tão cega que se torna descontrolada sem qualquer cuidado. O narrador em terceira pessoa se mostra onisciente e descreve a procura insaciável do ouro, a musicalidade presente em cada verso num jogo de rimas ricas. As bateias vão rodando para separar o ouro da terra que cada vez mais é explorada. A busca é tão incessante que até os morros mais profundos são perfurados. O ouro na terra é primitivo, bruto e ingênuo de qualquer malícia e ganância humana, porém quando é descoberto e explorado torna-se tão claro e se transforma em pó, folha, barra fazendo com que o seu surgimento modifique tudo a sua volta, pensamentos, honra, poder, prestígio. As minas não podem parar, todos querem riqueza e poder. A transformação do ouro é um ponto de culminância do Império e traz também uma visão negativa da extração do ouro.

Mil bateias vão rodando  
sobre córregos escuros;  
a terra vai sendo aberta  
por intermináveis sulcos;  
infinitas galerias  
penetram morros profundos.

De seu calmo esconderijo,  
o ouro vem, dócil e ingênuo;  
torna-se pó, folha, barra,  
prestígio, poder, engenho . . .  
É tão claro! — e turva tudo:  
honra, amor e pensamento.

Borda flores nos vestidos,  
sobe a opulentos altares,  
traça palácios e pontes,  
eleva os homens audazes,  
e acende paixões que alastram  
sinistras rivalidades.

Pelos córregos, definham  
negros a rodar bateias.  
Morre-se de febre e fome  
sobre a riqueza da terra:  
uns querem metais luzentes,



outros, as redradas pedras.

Ladrões e contrabandistas  
estão cercando os caminhos;  
cada família disputa  
privilégios mais antigos;  
os impostos vão crescendo  
e as cadeias vão subindo.

Por ódio, cobiça, inveja,  
vai sendo o inferno traçado.  
Os reis querem seus tributos,  
— mas não se encontram vassalos.  
Mil bateias vão rodando,  
mil bateias sem cansaço.

Mil galerias desabam;  
mil homens ficam sepultos;  
mil intrigas, mil enredos  
prendem culpados e justos;  
já ninguém dorme tranqüilo,  
que a noite é um mundo de sustos.

Descem fantasmas dos morros,  
vêm almas dos cemitérios:  
todos pedem ouro e prata,  
e estendem punhos severos,  
mas vão sendo fabricadas  
muitas algemas de ferro.

Além dos fantasmas insaciáveis também percorrem outros perfis de vozes, a dos populares. Cecília conta que se misturaram aos presentes muitas figuras eternas como as senhoras e jovens com olhares brilhantes, vestimentas antigas e nomes de outros tempos, rostos soturnos de carapinas, sacristães, costureiras, negros, crianças, escravos observando o cortejo que subia as ladeiras da antiga Vila Rica.

[...] Tudo isto, de terra em terra, com os negros a catarem ouro e diamantes; a comerem ovos fritos, a beberem cachaça; a contar casos de Jequitinhonha, da Chica da Silva, do Chico-Rei, de extravios, de contrabandos, de aparições e bruxarias... Tudo isto com donzelas em redor de oratórios, cantorias de terço, velas, promessas, pais prepotentes, noivos impossíveis, tremós dourados, seges de rodas vermelhas, cadeirinhas – também casamentos, saraus, vastas comidas e bebidas, canto, danças, música de órgão e de violinos... Tudo isto, e cavalhadas, luminárias –, eco das alegrias longínquas da corte, nestas paredes coloniais, já palpitarão de vida própria... (MEIRELES, 1989, p. 16)

A autora também questiona se deveria obedecer as vozes que lhe cercavam com a missão de narrar a história morta do ponto de vista dos inconfidentes, porém viva para aqueles fantasmas que haviam participado e que a obrigava a participar também, mesmo depois de tantos anos poderia ser maior sua intensidade. Assim, ela se rende a escapar dessa incumbência e explica que “nesse mundo emocional que o tempo acumula todos os dias nem o mais breve suspiro se perde” (MEIRELES, 1989).

As vozes revelam que o ouro destruía também famílias, não aceitava a diferença de classe social como é o caso do “Romance IV ou Da donzela assassinada” (p.50):

“Sacudia o meu lencinho  
para estendê-lo a secar.  
Foi pelo mês de dezembro,  
pelo tempo do Natal.  
Tão feliz que me sentia,  
vendo as nuvenzinhas no ar,  
vendo o sol e vendo as flores  
nos arbustos do quintal,  
tendo ao longe, na varanda,  
um rosto para mirar!

“Ai de mim, que suspeitaram  
que lhe estaria a acenar!  
Sacudia o meu lencinho  
para estendê-lo a secar.  
Lencinho lavado em pranto,  
grosso de sonho e de sal,  
de noites que não dormira,  
na minha alcova a pensar,  
- porque o meu amor é pobre,  
de condição desigual.

“Era no mês de dezembro

pelo tempo do Natal.  
Tinha o amor na minha frente,  
tinha a morte por detrás:  
desceu meu pai pela escada,  
feriu-me com seu punhal.

Prostrou-me a seus pés, de bruços,  
sem mais força para um ai!  
Reclinei minha cabeça  
em bacia de coral.

Não vi mais as nuvenzinhas  
que Pasciam pelo ar.  
Ouvi minha mãe aos gritos  
e meu pai a soluçar,  
entre escravos e vizinhos,  
e não soube nada mais.

“Se voasse o meu lencinho,  
grosso de sonho e de sal,  
e pousasse na varanda,  
e começasse a contar  
que morri por culpa do ouro  
- que era de ouro esse punhal  
que me enterrou pelas costas  
a dura mão de meu pai -  
sabe Deus se choraria  
quem o pudesse escutar,  
- se voasse o meu lencinho  
e se pudesse falar,

como fala o periquito  
e voa o pombo torcaz...

“Reclinei minha cabeça  
em bacia de coral.  
Já me esqueci do meu nome,  
por mais que o queira lembrar!

“Foi pelo mês de dezembro,  
pelo tempo do Natal.  
Tudo tão longe, tão longe,  
que não se pode encontrar.

Mas eu vagueio sozinha,  
pela sombra do quintal,  
e penso em meu triste corpo,  
que não posso levantar,  
e procuro o meu lencinho,  
que não sei por onde está,  
e relembro uma varanda  
que havia neste lugar...

“Ai, minas de Vila Rica,  
santa Virgem do Pilar!  
Dizem que eram minas de ouro...  
- para mim, de rosalgar,  
para mim, donzela morta  
pelo orgulho de meu pai.  
(Ai, pobre mão de loucura,

que mataste por amar! )  
Reparai nesta ferida  
que me fez o seu punhal:  
gume de ouro, punho de ouro,  
ninguém o pode arrancar!  
Há tanto tempo estou morta!  
E continuo a penar.”

No romance acima, a voz lírica feminina que rege a musicalidade nos indica que o poema é uma construção. Se ele foi construído é resultado do trabalho que é a relação do homem com a natureza. Essa materialidade que determina o sujeito. Também se encontram nesse romance, a crítica em relação à classe social, em que os filhos da elite e classe média não poderiam se relacionar com pessoas de classes inferiores, pois o ouro era quem determinava e comandava na sociedade. O poeta escolhe os elementos que irá utilizar como: o lencinho, varanda, punhal, gume de ouro, donzela. Descrevendo continuamente as características que determinam essa classe social elevada em detrimento à classe baixa “porque o meu amor é pobre, de condição desigual.” Assim, o pai mata a filha ao suspeitar de sua paixão por alguém de condições financeiras baixas. Porém, a donzela morta continua a vagar por entre as ruas de Vila Rica.

A construção realizada desde o início do romance vai levando ao resultado final do poema, desse modo, o trabalho artístico tem relação com o trabalho material, entre eles, a arte é a expressão humana, ela é sensível. Não existe arte fora do trabalho criativo. Neste sentido, se o trabalho humano começa se tornar hostil ao homem, a arte é a liberdade contra o mundo reificado.

A ideia central do marxismo, no que se refere à evolução histórica, é a de que o homem se fez homem diferenciando-se do animal através do seu próprio trabalho. A função criadora do sujeito se manifesta, por conseguinte, no fato de que o homem se cria a si mesmo, se transforma ele mesmo em homem, por intermédio do seu trabalho, cujas características, possibilidades, grau de desenvolvimento etc., são, certamente, determinados pelas circunstâncias objetivas, naturais ou sociais. (LUKÁCS, 2010, p.14)

A arte não se produz de forma primária, ela precisa que o homem esteja adequado para ela. As forças produtivas precisam estar desenvolvidas. Assim, o poema é um trabalho estético pensado, ele é *poiésis* do grego que significa produzir ou fazer alguma coisa de forma criativa, que será trabalhado a partir de matérias corretas para sua própria construção.

O trabalho poético não é para uma finalidade imediata. O gesto poético é livre e não um resultado imediato da vida social, no entanto a arte é um reflexo sem original.

Dessa forma, a composição da obra foi “tão à mercê de sua expressão natural que cada poema procurou a forma condizente com sua mensagem” (MEIRELES, 1989, p.22) e revela ainda, que a obra foi se compondo no seu ritmo, sonoridade e sua medida, sem haver normas preestabelecidas.

A antiga Vila Rica entre os muros de pedra escondia muitas riquezas e sua minoria autoritária era dotada de prestígio e poder. Surgiu então, um grupo de homens que estavam tão à frente de sua época inspirados pelas ideias mais avançadas da Europa e “foram murmurados nestes ares os nomes mais famosos do mundo, e lidos a esta luz os livros mais arrojados do tempo”, “com uma naturalidade que impressiona, comove e quase assusta.” (MEIRELES, 1989, p. 11).

Cecília traz para sua obra elementos da poesia árcade precedido do Romance XX ou Do País da Arcádia, em que transpõe o ambiente pastoril da Arcádia servindo de transposição para o que vem de mais triste sobre Vila Rica.

Assim, o Romance XXI ou Das idéias com narrador em 3ª pessoa e versos em redondilhas maiores narra a representação do povo e os conflitos da desigualdade social de forma realista sobre o qual, as ideias européias que pairavam entre os intelectuais faziam com que o homem atuasse com pensamentos liberais diante de uma sociedade que convivia com a escravidão. Desse modo, traz o dia a dia de Vila Rica, sua sociedade, seu espaço, os negros e a escravidão, os senhores e suas riquezas. Toda essa gente não sabia o que estava sendo tramado, não tinham ideia dessa luta pela suspensão dos impostos que eram cobrados principalmente a camada mais alta da sociedade mineira e com projetos ainda maiores, o da separação de Brasil e Portugal. A expressão “as ideias” vem para fechar o final de cada estrofe, o ambiente de conspiração que se tornava Vila Rica.

A vastidão desses campos.

A alta muralha das serras.

As lavras inchadas de ouro.

Os diamantes entre as pedras.

Negros, índios e mulatos.

Almocafres e gamelas.

Os rios todos virados.

Toda revirada, a terra.

Capitães, governadores,

padres, intendentos, poetas.

Carros, liteiras douradas,

cavalos de crina aberta.

A água a transbordar das fontes.

Altars cheios de velas.

Cavalcadas. Luminárias.  
Sinos. Procissões. Promessas.  
Anjos e santos nascendo  
em mãos de gangrena e lepra.  
Finas músicas broslando  
as alfaias das capelas.  
Todos os sonhos barrocos  
deslizando pelas pedras.  
Pátios de seixos. Escadas.  
Boticas. Pontes. Conversas.  
Gente que chega e que passa.  
E as idéias.

Amplas casas. Longos muros.  
Vida de sombras inquietas.  
Pelos cantos das alcovas,  
histerias de donzelas.  
Lamparinas, oratórios,  
bálsamos, pílulas, rezas.  
Orgulhosos sobrenomes.  
Intrincada parentela.  
No batuque das mulatas,  
a prosápia degenera:  
pelas portas dos fidalgos,  
na lã das noites secretas,  
meninos recém-nascidos  
como mendigos esperam.  
Bastardias. Desavenças.  
Emboscadas pela treva.

Sesmarias. Salteadores.  
Emaranhadas invejas.  
O clero. A nobreza. O povo.  
E as idéias.

E as mobílias de cabiúna.  
E as cortinas amarelas.  
D. José. D. Maria.  
Fogos. Mascaradas. Festas.  
Nascimentos. Batizados.  
Palavras que se interpretam  
nos discursos, nas saúdes...  
Visitas. Sermões de exéquias.  
Os estudantes que partem.  
Os doutores que regressam.  
(Em redor das grandes luzes,  
há sempre sombras perversas.  
Sínistros corvos espreitam  
pelas douradas janelas.)  
E há mocidade! E há prestígio.  
E as idéias.

As esposas preguiçosas  
na rede embalando as sestas.  
Negras de peitos robustos  
que os claros meninos cevam.  
Arapongas, papagaios,  
passarinhos da floresta.  
Essa lassidão do tempo



entre embaúbas, quaresmas,  
cana, milho, bananeiras  
e a brisa que o riacho encrespa.  
Os rumores familiares  
que a lenta vida atravessam:  
elefantíases; partos;  
sarna; torceduras; quedas;  
sezões; picadas de cobras;  
sarampos e erisipelas...  
Candombeiros. Feiticeiros.  
Ungüentos. Emplastos. Ervas.  
Senzalas. Tronco. Chibata.  
Congos. Angolas. Benguelas.  
Ó imenso tumulto humano!  
E as idéias.

Banquetes. Gamão. Notícias.  
Livros. Gazetas. Querelas.  
Alvarás. Decretos. Cartas.  
A Europa a ferver em guerras.  
Portugal todo de luto:  
triste Rainha o governa!  
Ouro! Ouro! Pedem mais ouro!  
E sugestões indiscretas:  
Tão longe o trono se encontra  
Quem no Brasil o tivera!  
Ah, se D. José II  
põe a coroa na testa!  
Uns poucos de americanos,

por umas praias desertas,  
já libertaram seu povo  
da prepotente Inglaterra!  
Washington. Jefferson. Franklin.  
(Palpita a noite, repleta  
de fantasmas, de presságios...)  
E as idéias.

Doces invenções da Arcádia!  
Delicada primavera:  
pastoras, sonetos, liras,  
- entre as ameaças austeras  
de mais impostos e taxas  
que uns protelam e outros negam.  
Casamentos impossíveis.  
Calúnias. Sátiras. Essa  
paixão da mediocridade  
que na sombra se exaspera.  
E os versos de asas douradas,  
que amor trazem e amor levam...  
Anarda. Nise. Marília...  
As verdades e as quimeras.  
Outras leis, outras pessoas.  
Novo mundo que começa.  
Nova raça. Outro destino.  
Planos de melhores eras.  
E os inimigos atentos,  
que, de olhos sinistros, velam.  
E os aleives. E as denúncias.

E as idéias. (MEIRELES, 1989, p. 97-100)

É bom ressaltar que Cecília Meireles era vinculada a geração de 1930 do Modernismo Brasileiro, na qual as preocupações dos poetas eram com os problemas brasileiros, o destino do nosso povo, a história do nosso país, especificamente na prosa, há um engajamento da literatura como denúncia social e propostas de melhorias. No *Romanceiro da Inconfidência* isso não é diferente, por meio da lírica, a autora traz a temática brasileira da história que aconteceu em nosso país e sem perder sua musicalidade e universalidade que são elementos de sua estética literária.

Cecília Meireles tinha um dos objetivos de reconstruir a tragédia na forma dramática, atribuindo a cada voz ou a cada fantasma seu verdadeiro papel constituindo seu trabalho no verdadeiro essencial expressivo da obra de arte sobre o qual “poderá dizer a mesma verdade do historiador, porém de outra maneira” (MEIRELES, 1989).

### **Considerações finais**

A obra *Romanceiro da Inconfidência* nos atenta para que o estudo da história seja necessário para a compreensão sobre o qual a obra literária pode nos oferecer. É uma imersão no passado do nosso país, sob o olhar literário que Cecília Meireles nos convida para refletir os fatos ocorridos no século XVIII com interferência das vozes daqueles que não participaram da luta. O passado se mistura com o presente na intervenção de manter sempre viva a história de um povo marcado pela destruição do ouro.

Por tanto, o livro conforme revela a autora ainda não acabou. Basta percorrer o caminho que liga Minas Gerais ao Rio de Janeiro para que se possam recomeçar as novas narrativas na qual as vozes populares foram imprescindíveis para a composição rica e de especificidade estética importante para a nossa Literatura Brasileira.

### **Referências bibliográficas**

BONAPACE, Adolphina Portella. *O Romanceiro da Inconfidência: meditação sobre o destino do homem*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.

COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de Literatura*. 3ª ed. Porto: Figueirinhas, 1976, p. 957-961.

GARRETT, Almeida. *Romanceiro*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1949.

LUKÁCS, Gyorgy. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p.14.

LUKÁCS, Gyorgy. O romance como epopéia burguesa. *In*: COUTINHO, Carlos Nelson (org.). *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

MARX, Carlos. *El capital I: crítica de la economía política*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo. Ed. Cultrix. pp. 460-461. 2ª edição, 1978.

ROMANCEIRO. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em <[http://www.infopedia.pt/\\$romanceiro](http://www.infopedia.pt/$romanceiro)> Acesso em 27 de Junho de 2014.